

para pinta preta. A incidência (% de frutos com sintomas) foi determinada a partir da contagem direta de frutos sintomáticos nos meses de setembro nas safras de 2001, 2002 e 2003 sempre nas mesmas plantas. O resultado do levantamento mostrou que apesar de ambas as cultivares terem apresentado maior incidência da doença no ano de 2002, ocorreu um mesmo padrão de distribuição espacial durante os três anos, com as mesmas plantas apresentando nos diferentes anos uma maior ou menor incidência. A análise de variância ( $P = 0,001$ ) indicou diferença entre plantas e entre safras, demonstrando a importância da auto-infecção para esta doença. Assim parece que foram 4 pomares

59  
EENVOLVIMENTO DE TECNOLOGIA PARA EXPORTAÇÃO DO COCO-VERDE PARA CONSUMO DE ÁGUA. FRANCISCO MARTO PINTO VIANA, CLEILSON DO NASCIMENTO UCHÔA, HELIEL ÁTILA SARIVA, ALISSON GALENO MATOS. - (Embrapa Agroindústria Tropical, Caixa Postal 3761, 60035-970, Fortaleza-CE). [fmpviana@cnpat.embrapa.br](mailto:fmpviana@cnpat.embrapa.br). Development of technology for coconut exportation for water consumption.

Estudos têm sido efetuados no sentido de possibilitar a exportação do coco-verde, objetivando o consumo de água in natura, para diferentes países da Europa, tais como Itália, Espanha, Portugal, Inglaterra e Holanda, além de outros países do Oriente, como Japão e Coreia. A principal dificuldade encontrada pelos exportadores do Estado do Ceará é o Rio de Janeiro, mais envolvidos com a empreitada, tem sido a ocorrência da podridão-basal do coco verde, doença que se expressa após a de pós-colheita causada por *Lasiodiplodia theobromae*, patógeno que, em geral, se encontra associado de forma endofítica ao coqueiro e aos seus frutos. Estes, sob condições de estresse, sofre a colonização do patógeno, expressando os sintomas através da podridão dos frutos, principalmente após a colheita, quando se tornam mais susceptíveis em relação à citada doença. Os frutos infectados que após a colheita são submetidos ao ambiente natural (28-30°C), expressam os sintomas cerca de 5 a 10 dias após a colheita e, sob refrigeração (10-12°C), de 10 a 20 dias após a colheita. Ensaio objetivando prevenir ou bloquear a infecção, de modo a impedir a expressão dos sintomas dessa doença, têm sido conduzidos. Diversas alternativas de controle já foram testadas, tais como termo-terapia localizada, corte na região de infecção, tratamento com químicos sanitizantes, corte + cera associada a fungicidas, corte + tratamento com associações de cera-antioxidantes-fungicidas. Testes de tempo de imersão em cera + anti-oxidantes + fungicidas, testes sob condições ambiente e sob refrigeração, entre outros. Espera-se, em breve tempo, ofertar uma tecnologia que permita exportar o coco-verde para consumo in natura sem riscos de perdas causadas pela podridão-basal.

260  
OCORRÊNCIA DA LIXA-GRANDE DO COQUEIRO NO ESTADO DO CEARÁ. FRANCISCO MARTO PINTO VIANA, CLEILSON DO NASCIMENTO UCHÔA, FRANCISCO DAS CHAGAS OLIVEIRA FREIRE, JÚLIO CALVIDAL. - (Embrapa Agroindústria Tropical, Caixa Postal 3761, 60035-970, Fortaleza-CE). [fmpviana@cnpat.embrapa.br](mailto:fmpviana@cnpat.embrapa.br). Occurrence of the coconut large verrucosis in Ceará State, Brazil. O coco é uma importante fonte de renda na Região Nordeste, que tem aumentado a área plantada da variedade anão-verde objetivando atender o crescente mercado de água-de-coco. Desde meados de 2002, tem-se observado em cultivos comerciais de coqueiro anão-verde, bem como de coqueiro híbrido, em alguns municípios do Estado do Ceará, plantas com sintomas e sinais semelhantes aos da lixa-pequena, ou seja, seca das folhas associada à presença de estruturas rígidas na superfície dos folíolos que, sob observação mais acurada verificou-se que os sintomas, bem como os sinais da doença divergem daqueles causados pelo lixa-pequena. Coletou-se folhas com sintomas, as quais foram conduzidas ao Laboratório de Fitopatologia da Embrapa Agroindústria Tropical, em Fortaleza para análise. O exame macroscópico do material colhido revelou a presença de grandes estromas de coloração marrom-acinzentada, portanto,

diferentes da lixa-pequena. Esses estromas formavam pequenas rugas arredondadas e isoladas, fracamente aderidas à superfície dos folíolos, principalmente próximos à ráquis foliar e sobre a face superior desta. Suspeitando se tratar de uma nova doença do coqueiro no Estado do Ceará, efetuaram-se cortes em tecido foliar com sintomas que, corados e observados ao microscópio óptico, revelaram a presença de ascostromas, originados no mesófilo. Também, coletaram-se porções dessas estruturas que, com auxílio de pistilo e almofariz esterilizados contendo 2 ml do corante azul de Amann, foram esmagadas para liberação das estruturas do microrganismo associado. Em seguida, transferiu-se uma gota da suspensão obtida para uma lâmina de vidro para observação microscópica. As ascas, embora não evanescentes, eram diáfanas, contendo oito ascósporos unicelulares de coloração marrom-escura, medindo cerca de 22,5 X 13,5  $\mu$ m. Com base nos sintomas observados no campo e nos exames realizados aos microscópios estereoscópio e óptico e da literatura especializada, concluiu-se que o agente causal da doença era o fungo *Sphaerodothis acrocomiae* (Montagne) von Arx & Müller (= *Coccostroma palmicola* (Speg.) von Arx & Müller).

261  
COMPORTAMENTO DE UM ACESSO DE ARAÇÁ (*Psidium* sp) EM RELAÇÃO AO NEMATÓIDE-DAS-GALHAS COMPARAÇÃO COM MUDAS DE GOIABEIRA PRODUZIDAS POR ESTAQUIA E POR ENXERTIA. Wellington A. Moreira<sup>1</sup>; Alba V. S. Pereira<sup>2</sup>; Francisco P. Araújo<sup>1</sup>; Daniela B. Lopes<sup>1</sup>; Flávia R. Barbosa<sup>1</sup>; Marta O. Mendes<sup>3</sup>; Edineide E. Magalhães<sup>2</sup>; Frank Magno<sup>3</sup> ( <sup>1</sup> Pesquisador/Embrapa Semi-Árido, <sup>2</sup>Bolsista/Embrapa, <sup>3</sup> ESAM, Mossoró). Caixa Postal 23, CEP 56302-970, Petrolina, PE. [wmoreira@cpat.br](mailto:wmoreira@cpat.br). Meloidogyne mayaguensis constitui-se no principal fator na limitação da produtividade da goiabeira no Submédio do Vale do São Francisco. Todos os materiais testados, pertencentes à espécie *P. guajava*, são suscetíveis a essa espécie. Além disso, não há recomendação de controle químico curativo para esse nematóide na goiabeira. O objetivo deste trabalho foi avaliar o comportamento de um acesso de araçá, oriundo do vale do Cariri, CE, em relação ao parasitismo por *M. mayaguensis* e que pudesse servir como porta-enxerto para a goiabeira. O experimento foi conduzido em casa-de-vegetação utilizando-se mudas de araçá (*Psidium* sp.) e de goiabeira, produzidas por estaquia e por enxertia, com três meses de idade, inoculadas com suspensão de ovos e juvenis nas concentrações de  $10^2$ ;  $10^3$ ;  $10^4$  e  $10^5$ . Para cada tipo de muda, foi utilizado um tratamento sem inoculação como testemunha. O delineamento experimental foi de blocos inteiramente casualizados, com 05 tratamentos e 04 repetições. A unidade experimental foi representada por 05 plantas, sendo uma planta por vaso. A avaliação foi realizada aos 90 dias após a inoculação, com base na determinação populacional de J2 no sistema radicular e no desenvolvimento de galhas nas raízes, por meio de uma escala de notas de 1 a 4 (1 = ausência de galhas, 2 = 1 até 10 galhas, 3 = 11 até 30 e 4 = mais de 30 galhas no sistema radicular). Os resultados evidenciaram que o acesso de araçá não foi imune a *M. mayaguensis*, todavia, a população de J2 e a intensidade de galhas foi significativamente menor que na goiabeira, nos dois sistemas testados, indicando que o acesso de *Psidium* avaliado, possui certa resistência a *M. mayaguensis*. Serão realizados estudos de compatibilidade de copa e porta-enxerto bem como da resistência do material ao nematóide, em condições de campo.

262  
ANÁLISE DE DANOS NO PROCESSO PÓS-COLHEITA DE PÊSSEGOS (*Prunus persica* (L.) Batsch.)<sup>(1)</sup>. ELIANE BASSETTO<sup>(2)</sup>, ANA BEATRIZ C. CZERMAINSKI, MARISE C. MARTINS, SILVIA A. LOURENÇO, LILIAN AMORIM - (ESALQ/USP, Caixa Postal 9, 13418-900, Piracicaba, SP). [ebassett@esalq.usp.br](mailto:ebassett@esalq.usp.br). Damage analysis in the postharvest process of peaches (*Prunus persica* (L.) Batsch.). A quantificação de danos pós-colheita ao longo da cadeia produtiva de frutas envolve estimativas empíricas, com raras exceções. O objetivo deste trabalho foi quantificar e identificar os danos em quatro etapas do processo pós-colheita de pêssogo: (i) após a colheita, (ii) antes e (iii) após a classificação dos frutos na casa de embalagens e